

CLIMA

IVAN MATTOS/ESPECIAL/JC

El Niño tende a aumentar a frequência e a intensidade das chuvas no RS



Previsões de centros climáticos internacionais indicam mais de 90% de probabilidade do estabelecimento do El Niño no segundo semestre deste ano; cenário gera preocupação no Rio Grande do Sul

Rio Grande do Sul não está necessariamente registrando fenômenos mais frequentes (a alternância natural do El Niño ocorre a cada 2 a 7 anos)

Maria Amélia Vargas

Centros internacionais de meteorologia apontam para uma probabilidade de 90% para o estabelecimento de El Niño no segundo semestre de 2026. Apesar de ainda haver incertezas quanto à intensidade com a qual o fenômeno chegará ao Rio Grande do Sul, o Estado – que ainda sente as consequências das enchentes históricas de 2024 – está em alerta.

Para esclarecer dúvidas sobre o evento climático, o Jornal do Comércio conversou com o especialista do Instituto Nacional de Meteorologia, Glauber Willian de Souza Ferreira.

O doutor em Ciências em Meio Ambiente e Recursos Hídricos pela Universidade Federal de Itajubá tranquiliza os gaúchos ao destacar que “eventos de forte intensidade não necessariamente significam impactos mais severos, assim como eventos mais moderados também podem ter efeitos relevantes sobre o clima brasileiro”.

Além disso, de acordo com ele, a presença do El Niño não significa, necessariamente, a ocorrência de eventos extremos de chuva no Estado: “Enchentes e

temporais também dependem de fatores locais (como saturação do solo e infraestrutura urbana) e da atuação de outros sistemas meteorológicos”.

Jornal do Comércio - Por que o Rio Grande do Sul tem sido afetado pelo El Niño ou por La Niña de forma mais frequente nos últimos anos?

Glauber Willian de Souza Ferreira - O Rio Grande do Sul (bem como a Região Sul) é uma das áreas brasileiras mais sensíveis às alterações na circulação atmosférica provocadas pelo El Niño (e La Niña). Isso decorre de mudanças nas correntes de jato subtropical e de baixos níveis, bem como do aumento de umidade transportada à região pelos jatos de baixos níveis. O Rio Grande do Sul não está necessariamente registrando fenômenos mais frequentes (a alternância natural do El Niño ocorre a cada 2 a 7 anos), mas a combinação entre variabilidade natural e aquecimento global pode favorecer a ocorrência de eventos extremos associados a eles.

JC - Quais sinais indicam que um episódio de El Niño está ganhando força?

Ferreira - Aquecimento contínuo das águas superficiais do Pacífico Equatorial (especialmente na região Niño 3.4), ultrapassando o limiar de +0,5 °C por vários meses, bem como o enfraquecimento dos ventos alísios, e alterações na pressão atmosférica entre o Pacífico ocidental e oriental (medidas pelo Índice de Oscilação

Sul), entre outros fatores.

JC - As mudanças climáticas estão tornando o El Niño mais intenso?

Ferreira - Embora o El Niño faça parte da variabilidade climática natural, as mudanças climáticas podem potencializar alguns impactos do fenômeno, como ondas de calor, chuvas extremas e recordes de temperatura global, dado que a emissão de gases de efeito estufa insere mais energia no sistema climático.

JC - Quais são os principais efeitos do El Niño no RS?

Ferreira - No Rio Grande do Sul, o El Niño tende a favorecer chuvas acima da média e temperaturas médias mais elevadas.

JC - O fenômeno aumenta necessariamente o risco de enchentes e temporais? Há uma relação entre o El Niño e os eventos extremos recentes no Estado?

Ferreira - Não necessariamente. O El Niño favorece a ocorrência de eventos extremos de chuva no Estado com o aumento do volume precipitado, mas enchentes e temporais também dependem de fatores locais (como saturação do solo e infraestrutura urbana) e da atuação de outros sistemas meteorológicos.

JC - Quais são os impactos do fenômeno climático na agricultura?

Ferreira - Os impactos sobre a agricultura gaúcha são diversos e apresentam respostas distintas conforme a fase de atuação do fenômeno. Em eventos de La Niña, as culturas de inverno tendem a ser favorecidas, uma vez que o inverno

e o início da primavera costumam apresentar maior disponibilidade de radiação solar e temperaturas mais amenas, condições que favorecem o enchimento de grãos e proporcionam um ambiente mais adequado para a colheita. Por outro lado, para as culturas de verão, a La Niña geralmente está associada à redução das chuvas ao longo do ciclo de desenvolvimento, aumentando o risco de déficit hídrico em fases críticas e, consequentemente, elevando a probabilidade de perdas significativas na produção agrícola do estado. Em eventos de El Niño, os impactos tendem a se inverter. As culturas de inverno passam a enfrentar maior risco produtivo, principalmente devido ao excesso de chuvas e à redução das janelas de tempo seco durante meses como setembro e outubro, considerados críticos para o enchimento de grãos e a colheita de culturas como o trigo, além disso, essa condição favorece o aumento de pressão de doenças fúngicas, impactando na qualidade do grão. Em contrapartida, as culturas de verão, de modo geral, são favorecidas pela maior frequência de eventos de chuva e por acumulados pluviométricos mais expressivos. Entretanto, os principais riscos concentram-se nas fases de implantação e colheita, quando o excesso de precipitação pode dificultar o manejo adequado das lavouras.

JC - Há previsão de chegada de um El Niño bastante intenso para o Rio Grande do Sul neste ano. O que a meteorologia já pode

antecipar sobre isso?

Ferreira - As previsões de centros internacionais indicam mais de 90% de probabilidade de estabelecimento de El Niño no segundo semestre de 2026, com algumas estimativas apontando para intensidade moderada a forte no segundo semestre. No entanto, há incertezas acerca da intensidade do fenômeno e os impactos regionais específicos. Ressalta-se que eventos de forte intensidade não necessariamente significam impactos mais severos, assim como eventos mais moderados também podem ter efeitos relevantes sobre o clima brasileiro.

JC - Como produtores rurais e a população das cidades podem se preparar?

Ferreira - O El Niño tende a aumentar a frequência e a intensidade das chuvas no Rio Grande do Sul, elevando o risco de enchentes, inundações, enxurradas e deslizamentos. Para minimizar impactos, produtores rurais devem investir em drenagem adequada, conservação do solo, proteção de equipamentos e acompanhamento constante das previsões meteorológicas e avisos de tempo severo. Nas áreas urbanas, é fundamental manter a drenagem desobstruída, seguir orientações da Defesa Civil, conhecer áreas de risco e adotar planos de emergência. A preparação antecipada e a adoção de medidas preventivas contribuem para reduzir prejuízos econômicos, sociais e ambientais associados aos eventos extremos favorecidos pelo El Niño.